



FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA OS DESAFIOS DE
ENSINAR E APRENDER NA ESCOLA PÚBLICA.

ENTRE A QUADRA E A ESCASSEZ: DESAFIOS DO PIBID NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM CONTEXTO ESCOLAR PRECARIZADO

Eixo: Prática Pedagógica e Currículo Escolar

Subprojeto: Educação Física

Filiação institucional: Universidade Estadual de Feira de Santana

Leila Beatriz Oliveira da Silva (limahta28@gmail.com); **Andrea Lorenna Lima Coloma** (ccoloma@terra.com.br); **Briza Vitória Santos Maciel** (brizas921@gmail.com); **Denize Pereira de Azevedo Freitas** (dpafreitas@uefs.br); **Giovanna Lissa Silva Brandão** (giovannalissauefs@gmail.com); **Matheus Sena Santos** (matheussena2.0.ms@gmail.com); **Moisés Ezlon Matias de Jesus** (moisesezlon@hotmail.com); **Victória Cristina Dias Cazumbá de Queiroz** (cazumbauefs@gmail.com); **Vítor Pio Santana** (vitorpio35@gmail.com)

Palavras-chave: Educação Física 1. PIBID 2. Precariedade 3. Adaptação Pedagógica 4. Formação docente 5.

1 INTRODUÇÃO

O presente relato tem como objetivo descrever a experiência pedagógica vivenciada pelos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), vinculados ao curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). As atividades foram desenvolvidas no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, escola pública estadual localizada em Feira de Santana-BA, que se encontrava em processo de reforma infraestrutural, no período de dezembro de 2024 a agosto de 2025.

A Educação Física escolar possui papel central na formação integral dos estudantes, promovendo aspectos motores, cognitivos, sociais e afetivos, mas enfrenta desafios históricos e estruturais, como a escassez de materiais, inadequação dos espaços e desvalorização social da disciplina (Darido, 2012; Rufino & Darido, 2015). Enquanto componente curricular, tem como eixo a cultura corporal, compreendida como prática social historicamente construída, que deve ser orientada para a formação crítica dos sujeitos (Bracht, 1999) e para a leitura crítica das

práticas corporais, ampliando repertórios culturais e a compreensão sobre os sentidos do movimento (Kunz, 1994).

A motivação discente também se apresenta como central, uma vez que a ausência de recursos e metodologias diversificadas tende a gerar desinteresse (Chicati, 2000), enquanto a criatividade e a adaptação pedagógica podem transformar esse cenário. Nesse sentido, experiências no PIBID demonstram que a atuação em escolas com infraestrutura limitada potencializa o desenvolvimento de competências pedagógicas, estimulando criatividade, flexibilidade e capacidade de adaptação (Souza, 2019; Telles et al., 2015).

Diante desse cenário, torna-se relevante discutir como os bolsistas enfrentam as limitações estruturais, quais estratégias pedagógicas são adotadas e como essas vivências influenciam a construção da identidade profissional, bem como a percepção da Educação Física enquanto disciplina escolar significativa.

2 METODOLOGIA

A experiência relatada ocorreu no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, localizado na cidade de Feira de Santana – Bahia, e foi desenvolvida por estudantes bolsistas do subprojeto de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). O relato refere-se a vivências realizadas no período de dezembro de 2024 a agosto de 2025. A escola atua com turmas do ensino médio e com a Educação de Jovens e Adultos (EJA), ofertada no turno noturno. Foram organizados em duas fases principais: a observação e a coparticipação, que ocorreram com as turmas do 1º ano C, D, E e F, e do 3º ano A, B e C do tempo integral.

No período da observação, os bolsistas acompanharam as aulas da professora supervisora para identificar possibilidades e desafios nas aulas de Educação Física. Segundo Silva (2013): “A observação constitui o principal modo de contatar o real, a forma de se situar, se orientar e perceber o outro, se auto-reconhecer e de como emitir conhecimento sobre tudo o que compõe o mundo material e o das ideias” (p. 413). Essas observações possibilitaram identificar elementos relevantes, confrontando realidades, desafios e oportunidades para aprimorar as práticas pedagógicas do PIBID.

Na fase da coparticipação, os bolsistas participaram ativamente das aulas, compreendendo e vivenciando as dificuldades do cotidiano escolar, especialmente relacionadas à estrutura física e à escassez de materiais pedagógicos. As informações foram coletadas por meio de observação, registros em diário de bordo, diálogos com a professora supervisora, outros docentes e coordenação, além das discussões nos planejamentos. Com base nesses dados, buscou-se descrever de que maneira a experiência contribuiu para a formação docente e como

os desafios enfrentados impactaram a construção da identidade e da prática pedagógica dos futuros professores.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência iniciou em fevereiro de 2025, onde ocorreu o primeiro contato dos bolsistas com as turmas. Nas primeiras aulas, tinham como objetivo apresentar os conteúdos previstos para o ciclo e conhecer os estudantes. Nas aulas seguintes, a falta de material didático impactou diretamente no desenvolvimento das aulas, já que não tinha uma estrutura adequada e material necessário. Durante esse período, ficou evidente a dificuldade em proporcionar aos alunos experiências diversificadas que contemplassem a cultura corporal em sua totalidade. Entretanto, presenciou-se a professora realizando adaptações criativas para que os conteúdos fossem abordados. Nesse sentido, Chicati (2000) enfatiza que “os seus conteúdos necessitam de maior motivação, e nem sempre os alunos se encontram prontos para algum tipo de atividade física” (p. 01).

Uma das experiências refere-se ao início das intervenções dos bolsistas, quando a professora trabalhou com as turmas de 1º ano da história da Educação Física, com ênfase nas primeiras civilizações. Os bolsistas discutiram formas de desenvolver atividades sem recursos materiais. O plano adaptado contou com roda de conversa, a brincadeira “Nunca 3” e duas atividades pré-desportivas: corrida de revezamento adaptada e um “pega-pega” no qual os alunos só podiam marchar, representando a marcha atlética.

Outra vivência ocorreu quando os bolsistas apresentaram a luta indígena Huka-Huka por meio de jogos de combate, utilizando apenas giz e tiras de TNT. Mesmo com a carência estrutural, a atividade despertou interesse nos estudantes. Nesse contexto, Telles et al. (2015) destacam que a prática pedagógica exige do professor a capacidade de exercer seu papel mesmo diante de dificuldades estruturais.

A carência de materiais esportivos e a inadequação dos espaços físicos, como apontam Daólio (2021) e Betti (2018), limitam o potencial pedagógico e podem gerar desmotivação discente. Esse cenário exige planejamento criativo e adaptação dos conteúdos, o que pode ser compreendido à luz da Transposição Didática que, segundo Pereira (2001, p. 45), é o “processo de transformação do saber sábio em saber a ensinar, envolvendo uma série de adaptações e modificações para que o conhecimento se torne acessível aos alunos.” Assim, o “saber sábio” foi transposto para o “saber ensinado” por meio de adaptações de regras, uso de materiais alternativos e ressignificação de espaços.

Ao ingressarmos na escola, a instituição encontrava-se em reforma, o que gerava ruídos, poeira e calor intenso. Com o avanço das obras, alguns espaços foram liberados, permitindo

gradualmente melhor qualidade nas práticas. Constatou-se que muitas aulas precisavam ser planejadas com diversas adaptações, estratégias fundamentais para aprendizagens significativas. Dessa forma, a elaboração e execução de planos com jogos e atividades adaptadas corroboram a ideia de que a adaptabilidade constitui um pilar da ação docente em Educação Física, ressignificando espaços e materiais disponíveis e assegurando aprendizagens críticas, seguras e significativas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato evidenciou que, mesmo diante da escassez de materiais e da infraestrutura limitada, o planejamento criativo e a flexibilidade docente possibilitaram aprendizagens significativas, desenvolvimento de competências motoras, cognitivas e sociais, além de fortalecer nos bolsistas resiliência e autonomia. Contudo, a ausência de investimentos em recursos e espaços compromete a vivência plena da cultura corporal e reforça a necessidade de políticas públicas para valorização da Educação Física.

A experiência mostrou que lidar com adversidades exige adaptação e reflexão crítica, permitindo aos bolsistas vivenciar a importância da transposição didática, da mediação pedagógica e da construção de estratégias inovadoras para uma prática educativa crítica, criativa e socialmente comprometida.

REFERÊNCIAS

BRACHT, V. **Educação Física & aprendizagem social**. 3. ed. Porto Alegre: Magister, 1999.

CHEVALLARD, Yves. **La transposición didáctica: del saber sabio al saber enseñado**. Buenos Aires: Aique, 1991.

CHICATI, Karen Cristina et al. Motivação nas aulas de educação física no ensino médio. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 11, n. 1, p. 97-105, 2000.

DA SILVA, M. A. A Técnica da Observação nas Ciências Humanas. **Revista Educativa - Revista de Educação, Goiânia, Brasil**, v. 16, n. 2, p.413. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/3101>. Acesso 30/08/2025.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

TELLES, Cassiano; KRUG, Rodrigo de Rosso; CONCEIÇÃO, Victor Julierme Santos da; KRUG, Hugo Norberto. *Os saberes necessários ao bom professor de Educação Física Escolar na percepção dos acadêmicos ingressantes da graduação*. **Revista Gestão Universitária, Belo Horizonte**, p. 1-14, mar. 2015. Disponível em: <http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos-cientificos/os-saberes-necessarios-ao-bom-professor-de-educacao-fisica-escolar-na-percepcao-dos-academicos-ingressantes-da-graduacao>. Acesso em 15 ago. 2025